



Alexandre Xavier Chagas foi o primeiro a entrar no Tribunal. Ao fim de uma hora, entrou Pinto da Costa. Da carrinha para a sala de audiências, respondeu aos jornalistas: «Não absolutamente nada sobre o SNASP. Posso é falar do envolvimento da África do Sul». Era apenas «show» para os repórteres? Lá dentro, diante do juiz e dos advogados, Chagas sequer se referiu aos sul-africanos...

Pela primeira vez juntos, depois das prisões

Assassinos de Evo Fernandes falam a «o Diabo»

O Diabo
(Lx.) 30/5/89
p.10-12

- **Chagas:** «Não digo nada sobre o SNASP»
- **Messias:** «Se Chagas recebeu dinheiro, eu não vi nem um tostão...»
- **Pinto da Costa:** «Só faço declarações depois do julgamento»

Insultos, novas versões e muitas contradições marcaram, quarta-feira passada, no Tribunal de Cascais, a última audiência da fase instrutória do «processo Evo Fernandes». Precisamente aquela em que, pela primeira vez e desde que foram presos, se encontraram, lado-a-lado, os três envolvidos: Alexandre Xavier Chagas, Joaquim Messias e Manuel Pinto da Costa. Em plena sala de audiências, Chagas chegou mesmo a «alterar-se» e a insultar Messias e Pinto da Costa: «Vocês são paranóicos». Foi, também, a primeira vez que Chagas e Messias falaram aos jornalistas (Pinto da Costa preferiu deixar para o final do julgamento uma anunciada «conferência de imprensa» onde contará «tudo»). Messias falou através das grades da carrinha celular. Procurou dar a imagem de um «simples motorista», mas afirmou, para quem o quis ouvir, que assistiu a tudo e que até se quis entregar às autoridades. Ivr Fernandes, a viúva do ex-dirigente da RENAMO, vai, «a longo, diz que «há um quarto implicado» e que «Messias sabe muito, mas não quer contar». Chagas acusou o envolvimento dos sul-africanos na morte de Evo. A embalcada da África do Sul, contactada por «o Diabo», já rejeitou essas acusações.

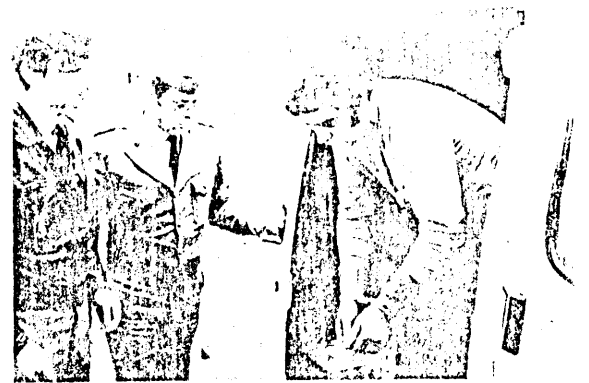
Reportagem de Miguel Alvarenga e Carlos Ferreira (fotos)

Uma hora e meia depois da entrada de Chagas, abriu-se de novo a porta do Tribunal.

Uma jovem funcionária ordenou aos guardas prisionais (única segurança dos detidos, desta vez não escoltados por nenhuma força da Judiciária) que trouxessem Pinto da Costa.

Era o único algemado. Calça verde, camisa azul clara, tipo fato de treino. É um homem alto, ainda jovem, entroncado, o mais forte dos três. Saiu da carrinha a correr, tapando o

Pinto da Costa não quis falar: «Só faço declarações depois do julgamento terminar». Era o único algemado, embora possa ser o «meios responsável» pela morte do ex-dirigente da Renamo. Saltou da carrinha para a porta do Tribunal, como uma bala. Tapando o rosto com as mãos



Os três detidos chegaram ao Tribunal quinze minutos antes das dez. Chagas e Messias numa carrinha, Pinto da Costa na outra.

Foi Xavier Chagas o primeiro a sair. Com o mesmo «ar desportivo» a que habituou já os jornalistas ali em serviço: fato branco, camisa rosa, gravata vermelha escura, óculos de sol. Perfeitamente à vontade, caminhando espaçadamente, sem pressas, deixou a «Ford» dos Serviços Prisionais onde ficou Messias e dirigiu-se à porta do Tribunal.

— Foi o SNASP?

Voz alta, respondeu:

— Não tenho absolutamente nada a dizer sobre o SNASP. Posso é falar sobre a polícia sul-africana...

E mais não disse. Fechou-se a porta do Tribunal.

Cá fora, dentro das carrinhas celulares, ficaram Messias e Pinto da Costa. Pela pequena janela, gradeada e



sem deixar vislumbrar um único traço dos detidos, chegaram à fala com os dois.

Pinto da Costa nada quis declarar:

— Eu só falo aos jornalistas quando o julgamento acabar.

rosto com as mãos. Saiu como uma bala, disparado em direcção à porta do Tribunal.

MESSIAS FALA

Joaquim Messias permaneceu dentro da carrinha. Foi o

único que aceitou falar aos jornalistas. O diálogo aqui fica:

— A morte de Evo foi um crime político?

— Não sei. Eu não percebo nada de política...

— Você é acusado de quê?

— Acusam-me de tudo.

Mas eu não fiz nada. Era apenas um motorista. Fui maltratado na polícia de Marrocos e fui torturado pela polícia portuguesa. Cheguei de Marrocos com sarna e a

Judicária recusou-se a, tar-me...

— Mas você, dois dias pois de chegar, foi internado com o Chagas no Hospit. Caxias

— Só dois dias depois. Antes, torturaram-me...



- Você era da Renamo?...
 - Não. Nunca estive me-
 o em política. Gosto de
 os os moçambicanos.
 - Mas assistiu à morte de
 ?
 - Se eu soubesse o des-
 ho que aquele jantar ia
 não tinha ido. Fui como
 torista. Fiquei sentado
 ma mesa ao fundo da
 a, não ouvi nada do que
 s disseram. À saída, Cha-
 : passou um pequeno
 vador para a mão do dr.
 Este ouviu a cassete e
 u furioso. Irritou-se e ati-
 se a Chagas. Ouvi um
 paro e parei imediata-
 te o automóvel. Depois,
 : me entregar às autori-
 es, eu não sabia nada do
 se ia passar, mas o Cha-
 não me deixou...
 - E a história do dinheiro,
 ou algum?
 - Não, se o Chagas o re-
 eu, a mim não me deu
 tostão. Ele apenas me
 ou o meu trabalho de
 orista. Aliás, contratou-
 muito antes disso e já
 um tempo que era seu
 orista. Mas nunca asseti-
 da. Levava-o aos hotéis,
 as nunca estive em
 nenhuma.
 - Você estava armado, na
 do crime?
 Não.
 - Não é isso que consta...
 - Mas não estava.
 - O que é que o Chagas
 disse depois de matar Evo?
 Ficou desorientado,
 u-se de dizer que este
 or queria dar cabo de

«PARANÓICOS, CONFUSOS»

Pouco depois, Messias foi chamado ao Tribunal. Desta vez, não fugiu às objectivas dos dois repórteres fotográficos presentes, nem escondeu a cara perante as câmaras da televisão. Saiu apressadamente. Novo, também, magro, calça e casaco escuro, cigarro na mão.

África do Sul rejeita acusações de Chagas

Contactada, na passada sexta-feira, a Embaixada da África do Sul em Lisboa, obtivemos a seguinte declaração, oficial, às palavras proferidas por Xavier Chagas em Cascais e transmitidas no Telejornal de quarta-feira. Chagas, recorde-se, afirmou textualmente: «Existe envolvimento da África do Sul neste caso».
 A resposta dos sul-africanos, transmitida a «o Diabo» pelo director de Informação da Embaixada: — A Embaixada da República da África do Sul rejeita as alegações com o desprezo que merecem e está convencida de que o processo judicial em curso em Portugal averiguará os factos.



Joaquim Messias saindo da carrinha onde, através das grades, prestou declarações à imprensa. Pela primeira vez, o mais jovem arguido deste processo mostrou-se calmo e tranquilo, deixou-se fotografar e encarou, olhos nos olhos, a viúva de Evo Fernandes

o disse que tínhamos embora.

Há pouco, antes de en-
 o Tribunal, Chagas afir-
 que não sabia nada sobre
 SP, mas que poderia fa-
 ve a polícia sul-africana.
 alguma coisa disso?

Não, não sei nada.
 Evo foi morto na noite do
 é isso que você diz não

Sim, foi morto na noite
 ítar.

Já conhecia o Pinto da
 Sou casado com uma
 lele.

Qual é o envolvimento
 este caso?
 Acho que ele também
 bria de nada...

Lá dentro, perante o juiz de Instrução, dr. Nelson Borges, Xavier Chagas interrompeu por diversas vezes os depoimentos de Messias e Pinto da Costa para lhes chamar «paranóicos» e «confusos». Ambos insistiram nas versões de que não têm nada a ver com o assunto. Pinto da Costa (cuja pronúncia confirma ter sido quem levou a filha de Chagas para Maputo e quem trouxe o dinheiro de Moçambique para a embaixada em Paris) chegou mesmo a afirmar que «quando foi detido em Paris, não sabia por que ó estavam a prender».

Messias, por seu turno, voltou a bater na tecla de que, em tudo isto, «apenas desempe-
 nhou o papel de motorista».

Mas também aqui existem provas do contrário.

Todos eles foram interrogados pelo juiz de Instrução e pelos advogados de defesa e acusação. Xavier Chagas era o único detido sem advogado: dispensou recentemente os serviços do seu defensor, dr. Álvaro Carvalho, segundo ele próprio declarou em Tribunal, por «ter descoberto que ele era advogado dos jornais 'Expresso' e 'o Diabo'», o que, efectivamente, não é verdade.

AS CARTAS

Chagas começou por con-
 firmar a autoria das diversas
 cartas escritas pelo seu punho

e apenas ao processo, as
 quais não deixam a menor du-
 vida sobre o envolvimento de
 Moçambique neste caso

Sem mostrar a mínima sur-
 presa, afirmou, calmamente,
 que todas elas foram escritas
 por si próprio. Como revelámos
 na nossa última edição, as mis-
 sivas de Chagas tinham vários
 destinatários: umas eram para
 a filha, ainda à guarda do
 SNASP em Maputo, e as ou-
 tras dirigiam-se a dois elemen-
 tos da «secreta» moçambicana,
 Esteira e Generoso

Quanto ao dinheiro que re-
 cebeu, Chagas confirmou o
 facto. Mas deu agora outra ver-
 são:

— Moçambique pagou-me
 um favor que eu fiz ao
 SNASP. Denunciei e entre-

quei-lhe uma rede de es-
 piões sul-africanos que pre-
 paravam uma matança, em
 território moçambicano, para
 o Dia de Reis. Foi a partir daí
 que ganhei a confiança do
 SNASP.

Uma vez mais, Chagas ten-
 tou fazer crer que agiu sozinho,
 que Moçambique «não teve
 nada a ver com o crime». Ver-
 sões insustentáveis, quando
 são as suas próprias cartas
 que confirmam tal envolvi-
 mento. Por outras palavras:
 Chagas continua a ser pressio-
 nado, em virtude de o SNASP
 jogar com o facto de ter a filha
 retida. Curiosamente, esta foi a
 única vez em que Chagas refe-
 riu, ao Tribunal, a palavra «sul-
 africanos», não mais voltando
 a referir-se àquele país durante
 a audiência. Não repetindo as

acusações que, na rua, fizera
 aos jornalistas, sobre o possível
 envolvimento da África do
 Sul.

UM TELEFONEMA DE BADAJOZ

Durante as cinco horas em
 que esteve no Tribunal, Chagas
 demonstrou, segundo alguns
 advogados, «ser um homem
 muito inteligente ou, então,
 muito bem instruído para di-
 zer o que lhe mandaram».
 Confrontado com diversos
 factos que constituem o pro-
 cesso, limitou-se a confirmar al-
 gumas coisas, insistindo sem-
 pre na história de que agiu so-
 zinho. E mais: dando agora a

Assassinos de Evo falam a «o Diabo»

Continuação da página 11

nova versão de que agiu em legítima defesa, ao ver **Evo Fernandes** irritado.

— **Ele opôs-se às negociações de paz entre a Frelimo e a Renamo. Irritou-se, tentou-me agredir e eu tive medo. Disparei porque sabia que ele era praticante de Karatê...**

Um dos factos por ele confirmados: o telefonema que, dias antes do crime, fez de **Badajoz** para um elemento do **SNASP**. Foi feito de um bar, naquela cidade espanhola. Para azar de **Chagas**, a seu lado estava um português que ouviu a conversa e a veio depois confirmar

à **Polícia de Elvas**, ao ver nos jornais a foto do homem que, dias antes, tinha estado no bar.

Nessa chamada, como noutras que a **Judiciária (DCCB)** investigou posteriormente, **Chagas** contactou sempre agentes secretos moçambicanos e por diversas vezes se referiu à operação.

IVETE: «NUNCA OS TINHA VISTO.»

Ivete Fernandes, a viúva de **Evo**, permaneceu fora do tribunal, com os jornalistas, durante as cinco horas que durou a audiência. Foi a primeira vez que olhou, olhos nos olhos, para os

rostos dos assassinos do marido:

— **O Pinto da Costa eu já tinha visto, mas o Chagas e o Messias nunca os vi.** Embora o **Chagas** tivesse ido a minha casa, na noite do jantar, buscar o **Evo**, eu não cheguei a vê-lo nessa noite.

E disse mais:

— **Continuo a acreditar que não foram apenas estes os envolvidos. O meu marido nunca entraria num automóvel com o Chagas. Tem que haver outro homem, que fosse da sua confiança e o tivesse traído. E também não acredito que o Chagas dominasse o Evo, mesmo que estivesse armado. O meu ma-**

rido era um homem muito treinado, praticava «full contact» e o Chagas, para ele, era um filgo. Isto está tudo muito mal contado. E eles estão os três orquestrados para dizerem certas coisas.

Quase a baterem as três horas da tarde, foram de novo abertas as portas do Tribunal.

Pinto da Costa, outra vez rápido e tapando a cara com as mãos (**algemadas**), deu um pulo da porta para dentro da carrinha. **Chagas** e **Messias**, escoltados por dois guardas prisionais, saíram de seguida em direcção à outra carrinha.

Dirigimo-nos a **Chagas**:

— **Pode dizer mais alguma**

coisa sobre essa história da África do Sul?

Gritou:

— **Existe envolvimento da África do Sul. Existe envolvimento da África do Sul.**

E mais não disse.

PRONÚNCIA DIA 8

Terminada assim a fase instrutória, vai ser lida a pronúncia no próximo **dia 8 de Junho**. O julgamento, na opinião da generalidade dos advogados, já não se deverá realizar antes das férias judiciais. Isto é, terá lugar apenas em **Outubro**.

Entre os causídicos, existe a opinião de que o juiz de Instru-

ção «deverá confirmar a pronúncia». As provas, existindo no processo, do envolvimento de **Moçambique** são de evidentes. **Pinto da Costa** será, talvez, o menos envolvido na morte de **Evo Fernandes**. **Messias** pode ser considerado de «co-autoria» ou de «complicidade» para a outra. «vão nas escassos anos de vida», é quase a mesma coisa», segundo um dos advogados.

Afastada, para já, parecer a hipótese de que **Messias** e **Pinto da Costa** saiam, e requereram as respectivas penas, em liberdade plena.